

OFICINAS

Espaço de treino e aprendizagem ao trabalho onde as estagiárias (designa-se por estágio o tempo de permanência na Instituição) adquirem hábitos de trabalho e cooperação, imprescindíveis para a sua integração no mundo laboral.

Cumpre-se a Lei Geral de Trabalho e assim paga-se um subsídio de trabalho mensal para as mulheres saberem gerir o seu dinheiro ao mês, e não ao dia, e também para tomarem consciência que têm direitos e deveres.

Faz-se uma reunião mensal de avaliação com a participação das estagiárias. O produto da venda do artesanato é distribuído pelas estagiárias mediante a avaliação efectuada pelas próprias e pela monitora.

A venda é feita nas oficinas, em exposições, no quiosque de O Ninho, etc.

Sempre que possível, as mulheres são integradas em cursos de formação profissional promovidos por outras organizações, mas muitas das formações existentes não têm correspondência no mercado de trabalho.

As Oficinas têm por objectivo promover a transição do meio prostitucional para o mundo do trabalho de mulheres prostituídas, através da aprendizagem e do treino ao trabalho. Procura desenvolver as capacidades e potencialidades das estagiárias.¹

As oficinas surgiram da necessidade de ocupar as raparigas que estavam no Lar.

Começaram por um pequeno atelier de pronto-a-vestir, em 1971, que funcionava nas instalações do lar. O espaço de que se dispunha era insuficiente, mas a falta de verba não permitia o aluguer de uma casa.

A necessidade de transferir a oficina para um local exterior ao Lar era reconhecida por todos os elementos da equipa educativa, porque proporciona a separação de dois aspectos da vida real: o aspecto familiar e a vertente profissional, equiparando as estagiárias ao comum das pessoas que têm de deixar a sua casa para se deslocarem ao local de trabalho.

Em 1972 uma amiga de O Ninho comprometeu-se a assumir o pagamento de uma casa na Av. Almirante Reis.

Nessa altura, não havia um programa de acção concreto e definido, mas com o aumento do número de estagiárias, a experiência foi ensinando que era necessário um aproveitamento mais intenso e global do período de estágio: cumprimento de horários regulares, exigência de assiduidade, rentabilidade, espírito de grupo, progressiva aquisição de competências sociais.

¹ A terminologia é integradora. Um estágio é um período de tempo em que se aprendem coisas novas. Por isso designa-se por estágio o tempo de permanência no lar e oficinas, porque existe uma situação real de mudança. Também é uma forma de promover a igualdade, isto é, pessoas que se sentem marginalizadas passam a sentir-se iguais e entre iguais.

OFICINAS

A oficina passou a ser considerada como um meio de transição entre a vida de prostituição e a integração no mundo do trabalho – a aprendizagem e o treino ao trabalho são um meio de inserção e participação social - com um horário das 9h às 12.30h e das 14h às 17.30h.

As estagiárias passaram a auferir um subsídio de trabalho com o objectivo pedagógico de interiorização de direitos e de deveres, de responsabilização progressiva ... e segue-se a lei geral do trabalho; as faltas são justificadas, quando apresentam documentos comprovativos, e são injustificadas, quando não existe esse documento.

As oficinas situam-se hoje num andar cedido pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa em 1976, mas que se encontra em estado de degradação.

As estagiárias estão divididas em grupos de trabalho orientadas por uma monitora, o que possibilita a expressão dos seus problemas, das suas dúvidas, das suas aspirações. É normalmente na oficina que as mulheres falam dos seus problemas do dia-a-dia, da sua vida pessoal e onde se projecta uma dinâmica colectiva que leva à evolução do grupo como um todo.

A experiência tem ensinado que para fazer a promoção individual é necessário fazer a promoção do grupo e que não é possível a promoção do grupo sem a promoção individual, isto é, a educação, a reeducação e a promoção devem ser simultaneamente individualizada e em grupo. A partir das jovens e das mulheres levando-as a ajudarem-se a si próprias, dentro do grupo, numa interacção dinâmica do sistema grupal. Fazer circular a informação correcta e adequada é uma forma de resolução dos seus próprios problemas. Adquirem um conhecimento mais justo de si próprio e dos outros

O subsídio de trabalho das estagiárias é de €249,40, subsídio que temos consciência ser claramente insuficiente para as estagiárias fazerem face à sua subsistência, mas como já foi referido, tem uma função pedagógica; com o mesmo objectivo o produto das vendas do artesanato, deduzido o custo do material, é dividido pelos membros do grupo numa escala percentual, após uma reunião mensal de avaliação com os seguintes indicadores:

- Assiduidade;
- Interesse demonstrado pelo trabalho;
- Esforço revelado na aprendizagem;
- Cooperação e atitudes construtivas;
- Capacidade produtiva;
- Rentabilidade.

Esta avaliação que é feita com a participação das monitoras e das estagiárias que se auto-avaliam e avaliam as colegas, ajuda à aquisição de atitudes positivas, de capacidade crítica construtiva em relação a si próprias e em relação aos outros. Simultaneamente constitui um incentivo, na medida em que, quanto mais produzirem mais dinheiro recebem. A escala é de 0 a 100%.

OFICINAS

As estagiárias demonstram ser pessoas muito justas, sabendo fazer uma análise positiva e incentivadora para a mudança. Sintetizam os factores referidos em dois grandes eixos: comportamento e produtividade.

A concretização dos objectivos pedagógicos implica diálogos e entrevistas individualizadas orientadas para a auto-expressão e reflexão sobre a sua vida passada e o período de mudança que se inicia. A auto-reflexão sobre o passado, o momento presente e o futuro permite a potencialização progressiva da auto-disciplina, da auto-estima, da autoconfiança, do autoconceito e, conseqüentemente, da criação de expectativas positivas necessárias à sua afirmação pessoal e de autonomia.

Os produtos confeccionados nas oficinas: bonecas em pano, almofadas, etc., são vendidos na própria oficina, em exposições em diversas escolas, sindicatos, Forum Estudante, no Quiosque e em muitos outros locais.

A Oficina situa-se num local exterior ao Lar (residência) com um objectivo específico de pedagogia e como forma de promover a igualdade.

“ Eu trabalho, eu saio da minha casa para me dirigir ao meu local de trabalho. Percorro a distância necessária para chegar a horas e cumprir as minhas tarefas”

É uma forma de saber gerir o tempo e os espaços. Na prostituição não há horas, e a gestão do tempo é apenas o tempo de uma “visita” (tempo da prática sexual), que pode ser de 10 ou 15 minutos ou uma noite, consoante a vontade do cliente e o preço estabelecido.

Por isso, acordar a horas para se arranjar, tratar dos filhos e ir pô-los às estruturas adequadas, apanhar transporte e chegar pontualmente ao local de trabalho, exige esta separação dos espaços ... e, simultaneamente faz integrar espaços diferenciados.

No local de trabalho temos de “saber estar” e saber cumprir, saber relacionar-se de uma forma construtiva com as outras pessoas, saber ouvir as orientações que nos são dadas... para a interiorização das normas estabelecidas.

Como na prostituição é tudo pago ao dia, e gasto ao dia, na oficina paga-se o subsídio de trabalho por cheque e ao mês. Tem dois objectivos: saber gerir o dinheiro durante um mês e o pagamento por cheque é um factor que faz parte da aquisição de competências e é integrador. Muitas mulheres (a maior parte) não têm conta bancária e não sabem como proceder numa Instituição Bancária.

Durante vários anos, o Ministério da Educação destacou uma professora do ensino básico para ministrar a alfabetização das estagiárias. Muitas não sabem ler nem escrever e as que têm um diploma sofrem de analfabetismo funcional ou regressivo.

Era um espaço aberto para a vida. Aprender a ler e a escrever é ficar livre. É ver tudo com outros olhos. É descobrir o Outro e a si própria. É gostar mais do Eu, é acreditar que se é capaz, que se ganha força. É começar a saber comunicar de outra forma. É construir

OFICINAS

um futuro. É adquirir um diploma de uma educação formal mínima, mas que lhe dá acesso a outros mundos.

Funcionava nas Oficinas e integrava-se no horário de trabalho.

Mas o Ministério da Educação não compreendeu a importância desta necessidade indispensável para a reinserção social, e a partir de 1998 informou telefonicamente que não era possível continuar a destacar uma professora e que poderíamos recorrer aos cursos de alfabetização ministrados por outras organizações. Acontece, porém, que estes cursos são realizados em horário pós laboral, o que é compreensível, mas esquecem-se que não existem estruturas de apoio às crianças que permita que estas mulheres, a maioria com filhos pequenos, possam frequentar esses cursos.

Por isso o trabalho em rede com o poder local vem proporcionar espaços de novas aprendizagens para a construção do futuro.

As estagiárias têm pouca instrução formal e não têm qualificação profissional.

Quase todas tiveram uma infância e parte da adolescência (muitas foram prostituídas ainda meninas) caracterizadas por carências afetivas, económicas e sociais graves o que condiciona fortemente a sua vida adulta.

Mas apesar dos condicionalismos e das dificuldades de adaptação, a nossa experiência tem demonstrado que as mulheres adquirem capacidade de trabalho e tornam-se tão responsáveis como qualquer outra pessoa, porque temos uma pedagogia adequada e potencializadora da dignidade inerente a todo o ser humano.

A ausência de estruturas de acolhimento e de apoio que possibilitem às mulheres prostituídas condições de trabalho, instrução formal e formação profissional, leva a que muitas mulheres se mantenham no mercado da prostituição.

A crise de emprego, o insuficiente nível de instrução e de formação profissional com real correspondência no mercado de trabalho, dificulta o ingresso das estagiárias no mundo do trabalho.

O ambiente competitivo deste mercado, o medo do reconhecimento como mulheres que foram prostituídas, provocam insegurança e, conseqüentemente, receio de enfrentar este meio muitas vezes hostil.

O ambiente de trabalho na Oficina proporciona-lhes autoconfiança, aceitação, respeito, que são postos em causa no momento de ingresso no mercado de trabalho.

Por mais segura que esteja, a estagiária manifesta insegurança, e ressurgem sentimentos de receio para enfrentar o novo trabalho num ambiente muitas vezes de competitividade,

OFICINAS

e o medo do reconhecimento como ex-prostituída está sempre presente.² Por isso, optámos por, numa primeira fase, a saída da Oficina ser para uma experiência de trabalho, para a mulher compreender que adquiriu realmente competências para um bom desempenho profissional, e que poderá voltar às Oficinas de O Ninho se a experiência não resultar.

Esta estratégia tem tido resultados positivos, retira grande parte da “ansiedade” e incute-lhes confiança suficiente para enfrentar eventuais hostilidades, porque ela sente que não a abandonamos.

As parcerias de formação profissional têm demonstrado serem de real eficácia para o reforço das suas competências.

Nesta nova fase, é fundamental oferecer apoio permanente, reforçar autoconfiança, reforçar as suas potencialidades e capacidades de modo a ultrapassarem a insegurança que as fragiliza.

² É comum, quando estão a trabalhar, por exemplo, num restaurante, se entrar um cliente /prostituidor e se reconhecer a mulher dizer ao patrão ou aos colegas que ela foi prostituta. E, o ambiente em relação a ela altera-se drasticamente: deixou de ser uma mulher “séria” e uma boa trabalhadora para ser rejeitada ou despedida porque teve um passado de prostituta.